

Eu prazer e eu realidade, entre 1911 e 1915

Daniel Delouya*

Resumo

O autor se limita a tratar da articulação eu prazer e eu realidade, a partir do trabalho de Freud de 1911, cujo centenário foi festejado no último congresso da FEBRAPSI. Trata-se do estágio precursor das ideias sobre o eu que inauguram as concepções da segunda tópica freudiana entre 1923 e 1926. Um episódio clínico é relatado como ilustração para a utilidade das articulações do eu entre 1911 e 1915.

Palavras Chaves: crença, eu realidade primitivo, eu da indiferença, eu prazer purificado, eu realidade definitivo.

O tema de discussão, eu prazer & eu realidade¹, nos remete a uma concepção leiga da existência de uma realidade, no sentido positivo do termo, que o eu precisaria reconhecer e assumir, mas da qual também pode fugir para o ilusório prazer. Essa não pode ser a visão do psicanalista. Basta lembrar a nossa experiência corriqueira em que o paciente apega-se a realidade – idade, doença, situação financeira, opinião pública, etc.- utilizando-se dela como benefício, dizia Freud, para resistir à análise. Para a psicanálise, a realidade como algo dado só tem sentido enquanto negativa, que se coloca em oposição à realidade psíquica, ao seu potencial de criação. Em outras palavras, a realidade só tem sentido em relação aos meios e as formas de realização, nos quais o prazer está implicado.

Muito cedo, já em 1895, Freud enunciou o que se verifica a cada dia, de que a realidade é uma questão de aposta, algo a se realizar, algo por vir; ele afirmou que a realidade é questão de crença. Lacan entusiasmou-se com essa fórmula e os ingleses, Winnicott e Bion usaram termos semelhantes: esperança para o primeiro, e ato de fé (act of faith), para o segundo. No fracasso da crença, há doença.

Seria importante agora voltarmos ao eu e o seu nascimento. Freud postulou entre 1911 (Os dois princípios do funcionamento psíquico, artigo cujo centenário este congresso festeja hoje), e 1915 (As pulsões e seus destinos), a entrada em jogo, na origem do sujeito, de quatro entidades ou precursores do eu, que, em parte, operam concomitantemente, mas que, também, condicionam mutuamente uns aos outros. O primeiro é o eu realidade inicial ou primitivo. Trata-se de um eu que não sabe de si, não se apreende como tal, mas que delira e fica furioso, ao se deparar com o incomodo e as contrariedades oriundas dos estímulos e das urgências. Esse 'eu' é o eu forjado pelo observador ante as manifestações do desequilíbrio narcísico que decorre do impacto fisiológico de nascimento (Freud, 1926). Entretanto, a ideia de um eu justifica-se quando o esforço de ex-corporar, livrar-se do incomodo, encontra contrapartida no corpo do adulto.

* Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

¹ Intervenção numa mesa do congresso brasileiro de psicanálise, Ribeirão, 2011.

A continência deste esboça nele a demarcação dentro/ fora, vislumbrando assim uma saída, um alívio ao estado de imersão em um mar hostil, infestado de um mal. Embora o corpo do adulto lembrasse o seio latrina (toilet-breast) de Meltzer, o acento em Freud está no esboço do eu dos primórdios.

Tal convocação do objeto oportuna o refúgio à paz, para manifestar uma indiferença ao mundo; um eu indiferente (Freud, 1915) em que a onipotente ilusão, como diria Winnicott, se dá porque engloba nela os cuidados maternos (uma condição para essa segunda entidade do eu, se constata por Freud em uma nota de rodapé extremamente elogiada por Winnicott). Eis aqui a fundação de uma sede própria de si. A ilusão de um eu que tudo abarca (‘objeto subjetivo’ de Winnicott) é imprescindível como precondição à futura circunscrição do eu. Pois tal hibernação ilusória não só se vale da noção de um território, mas também adquire do objeto uma cultura própria pelas designações, nomes e sentidos. Atribuições do adulto aos estados e movimentos e do bebê que matizam sua sedução em meio aos cuidados que prove e que se devem as suas próprias identificações e ensejos inconscientes. Esses subsídios possibilitam às reações iniciais aos estímulos a se valer de uma tópica preliminar, da noção de espaço diferenciado, mapeado, obtendo canais para a introjeção e a projeção. Acolher e designar faz com que haja ligação e prazer, gerando aporte de vir adentro, e também, em outras designações, o que sobra, dói e incomoda, seja destinado à expulsão, traçando o canal para o fora. Ambos se apoiam, respectivamente, nas funções vitais de alimentar e de afastar, limpar, os restos decompostos. Porém, tais vias erguem-se sobre o fundo do reforço da criação de espaços dentro e fora, entre o ‘mim’ e o mundo, onde o bom sou eu e o mal é o mundo. Ou seja, delinea-se a instauração de um eu prazer purificado contra uma realidade má e odienta.

Observa-se, então, que entre o eu primitivo e o da indiferença e, depois, o do prazer purificado, a demarcação de um continente e de seus conteúdos se dá graças ao trabalho de objeto. Este, de um lado, faz validar o terreno próprio, tornando-se um eu, e isso em função dos pertences próprios, onde as ligações e desligamentos de origens, das pulsões de vida e de morte, respectivamente, serão recrutadas para a constituição de uma espécie de cito-esqueleto, de uma rede de canais para a introjeção e a projeção. Porém, nesse estágio de supervalorização de si, de prazer purificado, pelo qual o eu se demarca do mundo mau e odiento, ele não se assegura de sua existência, o que perturba seu juízo em relação aos mundos dentro e fora. Mas, com o avanço de experiências boas e más, ele vai poder reconhecer sua separação, e iniciar o desempenho da função de juízo, pela qual vai farejar em que medida as percepções oferecem-lhe condições para a realização das representações. Com isso, ele vai poder lançar mão das funções de juízo e do pensar, onde a dissonância entre representação e percepção o empenha na crença de poder fazer uso de seu repertório auto-erótico para novas realizações e aquisições de experiências. O que instaura o definitivo eu realidade, este que se reconhece castrado, um ser entre outros.

O que é crucial na ascensão deste eu é a passagem do estado de prazer purificado para um eu que reconhece a realidade como um não eu, mas com um

valor de interesse. Aqui, o que foi englobado no segundo eu, da indiferença, pode ser reencontrado lá fora. Ou seja, ocorre separação do objeto, que instaura o juízo de existência, de si e do outro, concomitantemente, em um mundo compartilhado.

Entre o eu realidade inicial, em apuros e delirante, ao eu realidade maduro, com juízo e esperança, o objeto oferece descanso, ilusão na fusão, e construção em surdina de um 'interior' que permite uma distinção onipotente: sou o bom e o mundo é o mal. A introjeção e a projeção vão abrir condição para a separação e o reconhecimento concomitante de si, do outro e da área compartilhada. Tudo ocorre numa espécie de evolução em espiral, onde cada eu emerge do precedente, mas sem dissolvê-lo ou apagá-lo por inteiro. Embora essa articulação na emergência de entidades nucleares do eu surge entre 1911 e 1915 e logo desaparece, seria interessante avaliar seu valor nesse centenário ao artigo que constitui o marco da herança de Bion entre nós. Pois essa delineação freudiana do eu se situa no centro da passagem das tópicas. O Projeto de uma psicologia (1895), de um lado, fornece uma das montagens mais completas e sofisticadas do eu, sobretudo de ponto de vista econômico. Depois, entre Os três ensaios sobre a sexualidade (1905) e Uma introdução ao narcisismo (1914), a primeira dualidade pulsional, a teoria do apoio, e a constituição do eu no narcisismo fornece uma visão dinâmica e tópica importante sobre eu. De outro lado, a partir dos anos 20 do século passado, a teoria estrutural e o do masoquismo vão instaurar outra e mais sólida concepção do eu. Em 1925 Freud volta a abordar, de um lado, economicamente, o surgimento do eu, a partir da teoria do desamparo e da correlata angústia (inibição, sintoma e angústia, sobretudo a partir do cap.VII). Por outro lado, A negação (1925), descreve o mesmo surgimento a partir das funções do eu, de percepção, juízo e pensar. Ele retoma, assim, e diante da nova dualidade pulsional, a lógica que nos ocupou hoje focando as transformações funcionais do eu primitivo, desta vez, oral, para o do juízo, de um eu maduro. O que coloca em relevo as constatações, passagens e articulação entre as quatro entidades do eu aventadas entre 1911 e 1915. Essas têm um valor imenso na observação e demarcação de quadros, estados e circunstâncias clínicas.

Uma ilustração de um pequeno episódio clínico poderia fornecer uma ideia da eficácia deste modelo ente 1911 e 1915: um paciente me deixa um recado no fim de semana, algo raro, onde expressava o desejo de falar comigo. A voz era de urgência, mas não consegui falar com ele na segunda-feira. Na sessão da terça-feira, ele diz que se deu conta que poderia esperar e por isso aguardou sua primeira sessão da semana. Relatou que estava à beira de enlouquecimento no sábado (dia que me ligou) a partir do seguinte episódio. Após o almoço num boteco com o namorado, ele sugere que eles passeiam e aproveitem o belo dia. O namorado, deprimido, e desprovido de qualquer tato à sugestão de companhia amorosa, pergunta árido: 'passear aonde?' Reação que demanda um 'esforço absurdo', no limite de continência do paciente ('quase enlouqueci') que reage em silêncio e determina 'voltemos para casa!'. O paciente se tranca no quarto, e me liga para pedir socorro. Estando num limiar de uma regressão ao que me parece ser o eu realidade primitiva, infestado de um mal-estar generalizado, encontra um limite e circunscrição temporária ('quase') na referência e na busca concreta do analista.

Talvez a minha própria voz na secretária eletrônica o assegura de algo. A noite ele faz um sonho onde ele, como criança frustrada, se vê inconformado, batendo cabeça e corpo no chão e na parede, em estado totalmente enlouquecido, quando adentra a tia, personagem bondosa de sua infância, e com serena voz, lhe diz, 'depois de você terminar, conversemos!', e sai do quarto, como se aguardando ele se aliviar de seu descontrole. Fica patente que o sonho dispensa a urgência do analista. O vislumbre de um espelhamento e troca, de amor, por parte do objeto, recupera o sono, já que o encontro prevê a retomada de canais de introjeção e de projeção, para um futuro restabelecimento do juízo de atribuição e existência (Freud, 1925).

Para finalizar seria interessante estabelecer o dialogo entre essa proposta dos anos 10 do século passado, e as teorias vigentes em torno do eu, de autores como Klein, Bion, Winnicott, Fairbairn, etc.

Pleasure-ego and reality-ego, between 1911 and 1915

Abstract

Pleasure-ego and reality-ego are articulated in Freud's Formulations on the two Principles of mental functioning (1911), the centenary of which was celebrated by Febrapsi Congress in 2011. It therefore deals with the initial stages on ego conceptions formulated in the late Freud's structural theory between 1923 and 1926. To illustrate this preliminary stage on ego formations between 1911 and 1915, we narrate a clinical vignette.

Key words: belief, primitive ego-reality, indifference ego stage, purified pleasure-ego, definitive ego-reality

Bibliografia

Bion, W. R. (1991). Learning from experience. London: Karnac. (originalmente publicado em 1962).

Freud, S. (1991a) 'Formulations on the two principles of mental functioning' in: Pelican Freud Library (PFL), Vol. 11 (pp. 29-44). (originalmente publicado em 1911)

Freud, S (1991b). On narcissism: An introduction. (PFL, Vol. 11). (originalmente publicado em 1914).

Freud, S (1991c). 'Instincts and their vicissitudes' in: PFL, Vol. 11 (pp.105-139) (originalmente publicado em 1915) Freud, S. (1991d). Beyond the pleasure principle (PFL, Vol. 11, pp. 269-338). (originalmente publicado em 1920).

Freud, S (1991e) 'The economic problem of masochism' in: PFL, Vol. 11: pp. 409-427). (originalmente publicado em 1924)

Freud, S. (1991c). The ego and the id (PFL, Vol. 11, pp. 339-408). (originalmente publicado em 1923).

Freud, S (1991d) 'Negation' in: PFL, Vol. 11 (pp.435-442). (originalmente publicado em 1925)

Freud, S (1993). Inhibition, symptom and anxiety (PFL, Vol. 10, pp. 140-470). (originalmente publicado em 1926).

Freud, S. (1995). Projeto de uma psicologia (O. F. Gabbi Jr., trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original, de 1895).

Freud, S. (2000). Three essays on the theory of sexuality. New York: Basic books. (Trabalho original publicado em 1905)

Meltzer D. (1967). *The psycho-analytical process*, London, Heinemann.
Winnicott, D.W (1971) *Playing and Reality*, Harmondsworth: Penguin Books.